

A PINTURA MENSTRUAL DE JULIARO: ARTE COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO DE VIDA, RESSIGNIFICAÇÃO DO SANGUE E AFIRMAÇÃO DO SER MULHER NA ARTE E NA VIDA

Jacqueline Amadio de Abreu¹

Patrícia Lessa dos Santos²

Mayara Carrobrez³

Resumo: Julia Larotonda (Juliaro) é artista plástica e usa seu próprio sangue menstrual como material artístico e ativista, ressignificando seu sangue e refletindo sobre o universo feminino. O presente trabalho analisa a arte de Juliaro como espaço de criação de vida, ressignificação do sangue menstrual e afirmação de mulher na arte e na vida com aporte teórico-metodológico do feminismo.

Palavras-chave: Arte. feminismo. Juliaro. Pintura menstrual.

Abstract: Julia Larotonda (Juliaro) is a plastic artist and uses her own menstrual blood as artistic and activist material, resignifying her blood and reflecting on the female universe. The present work analyzes the art of Juliaro as a space for creation of life, resignification of the menstrual blood and affirmation of women in art and life with the theoretical-methodological contribution of feminism.

Keywords: Art. Ecofeminism. Juliaro. Menstrual painting.

INTRODUÇÃO

Neste texto apresentamos algumas análises acerca das pinturas da artista feminista Julia Larotonda ou Juliaro com sangue menstrual. Para Juliaro, do universo feminino e feminista emergem inquietações acerca do ser mulher na vida em

¹ Licencianda em Artes Visuais (UEM). Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pela Fundação Araucária. Participante do Grupo Estudo das Pedagogias do Corpo e da Sexualidade (GEPECOS).

² Doutora em História (UNB). Mestre em Educação (UNICAMP). Graduada em Educação Física (UFPEL). Atualmente é Docente do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE/UEM) e Coordenadora do Grupo de Estudo das Pedagogias do Corpo e da Sexualidade (GEPECOS/UEM).

³ Mestranda em Estudos Literários (UEM). Licenciada em História (UEM).

sociedade e na arte, como, por exemplo, o apagamento das mulheres na história, os tabus em relação ao corpo feminino, as resistências e acerca de como temos resistido e transgredido ao longo dos tempos e dos espaços históricos.

Para entender o trabalho de Juliaro, temos como aporte teórico as autoras feministas Owen (1994), Gray (1999), Martín (2011), Souza; Almeida; Coelho; Flores (2017) e Estés (2007), que abordam os temas do universo feminino e a temática do sangue naquilo que consideram a mulher cíclica. Trazemos também os estudos Laurentiis (2013), Tvardovskas (2013), Stubs (2015) e Almeida (2010), que se reconhecem como pesquisadoras da arte feminista, bem como de Navarro-Swain (1994) e Ribeiro (2006), que contribuem nas contextualizações dos temas por nós abordados.

Esses estudos nos permitem um entendimento ancorado na visão ancestral sobre o feminino e suas mudanças na história para uma imersão no contextualizar o sangue menstrual em suas dimensões biológicas, culturais e históricas e no apresentar Juliaro e suas pinturas menstruais sob a perspectiva do feminismo ativista e sob a perspectiva da criação de vida, da ressignificação do sangue e da afirmação de mulher na arte.

O texto está dividido em três tópicos. O primeiro: “A visão ancestral do mundo, a Deusa e o apagamento da mulher na história”, evidencia a dimensão pré-histórica sobre a mulher e seus ciclos, sobre o arquétipo da Deusa e de como essa visão simbólica se modificou com as várias práticas de apagamento das mulheres ao longo da história. “Menstruação, mulher cíclica e ciclos da natureza” é o segundo ponto que aborda os conhecimentos sobre os ciclos femininos e suas relações com ciclos naturais, tangendo, particularmente, a menstruação como elemento central na obra de Juliaro. No terceiro e último ponto, “Arte e feminismo”, apresentamos o tema pelo viés feminista e adentramos nos entendimentos sobre a ocupação das mulheres nas artes e sobre a ponte entre arte feminista e ativismo.

A VISÃO ANCESTRAL DO MUNDO, A DEUSA E O APAGAMENTO DA MULHER NA HISTÓRIA

Segundo Almeida (2010), os ancestrais pré-históricos veneravam a natureza, pois essa era temida, respeitada, misteriosa e sagrada.

Para eles, a natureza é uma, sem a distinção de superioridade do humano. E, sem a dicotomia entre espiritualidade e natureza, religiosidade e profano, a arte também estava inserida em um contexto cotidiano e era, portanto, um reflexo desta visão de mundo. [...] Era um modo de enxergar a vida, celebrando não apenas a sexualidade como fonte de prazer, como também divinizando a mulher como fonte de vida (ALMEIDA, 2010, p. 42-43).

Essa ligação estreita dos pré-históricos com a natureza foi um dos fatores parra o surgimento de cultos às deidades femininas ou à Deusa. Nessa visão, mulher e terra eram detentoras da vida. A terra detinha o mistério de florescer a semente que alimentava e garantia a sobrevivência dos povos, portanto, a própria vida. E a mulher, como que numa relação espelhada, era a detentora do mesmo poder por possuir o mistério de gerar a vida em seu ventre e, tal como a semente na terra, dar continuidade aos ciclos vitais.

Assim como uma consequência da observação dos ciclos na natureza e de toda a magia que envolvia a criação das espécies, nossos antepassados começaram a cultuar a Deusa Mãe que era geradora de vida, a Grande Mãe de todos os seres vivos (ALMEIDA, 2010, p.35).

Na história da humanidade, as estatuetas femininas da fertilidade conhecidas como Vênus são exemplos de quanto os povos antigos veneravam as mulheres e os mistérios da criação. Para Almeida (2010), as estátuas não eram feitas somente em relação à fertilidade, mas representavam também a veneração à Deusa e à natureza feminina.

Apesar de a Deusa ser apresentada sob diversas maneiras, diferindo-se no formato, nomenclaturas ou materiais, sua conotação simbólica era sempre mantida: a responsabilidade pela vida no mundo. A Deusa era quem criava, nutria, sustentava e restabelecia a vida (ALMEIDA, 2010, p.34).

Essas miniaturas resignificam os saberes desses povos e muitos conhecimentos vieram das mulheres. Ribeiro (2006, p.15), por exemplo, lembra-nos que as mulheres da pré-história realizavam entalhes e que:

Essa prática articulava notações lunares a processos femininos como menstruação, lactação, gravidez. Essa forma de historiar forneceu os alicerces para o desenvolvimento da matemática, da horticultura, da agricultura, da medicina, da astronomia, da etnomatemática, das artes plásticas, de estudos sobre a sexualidade das mulheres.

No entanto, esses saberes e artes foram apagados em muitos processos de colonização e nas sociedades que rumaram para uma organização econômica não matriarcal. Todavia, é sabido que muitas marcações de tempo e dos ciclos das mulheres estiveram relacionados aos ciclos na natureza. Navarro-Swain (1994) considera uma simplificação e fruto de misoginia afirmar, por exemplo, que as estatuetas representem apenas a fertilidade. A autora afirma que:

O culto à Grande Deusa, não apenas reduzido à atribuição clássica de fecundidade e maternidade, mas ligado às mais marcantes realizações humanas, como a escrita, a domesticação das plantas, a legislação, a linguagem, a medicina, tem sido obscurecido ou simplesmente ignorado pela história (NAVARRO-SWAIN, 1994, p. 45).

E mais. Para ela, a *Deusa ou as Deusas* (das mitologias) perderam lugar para os deuses masculinos, como, por exemplo, no discurso teatral, no qual as Deusas passaram a ser domesticadas e cederam espaço para uma ordem patriarcal. Para Navarro-Swain (1994), isso ocorreu devido aos recortes que formam o saber histórico; com o tempo a imagem das Deusas foram remodeladas pelo patriarcado.

Almeida (2010) também discorre a respeito, enfatizando que a agricultura foi uma grande transformação para a humanidade. A passagem do nomadismo para um lugar fixo foi uma transformação lenta que afetou também a visão da Grande Mãe. Ao se fixar, com a entrada do arado na agricultura, o homem passou a assumir o trabalho da terra, antes só destinado às mulheres, que eram tidas como possuidoras do mesmo poder. Além da domesticação da terra, houve também a domesticação dos animais e, a partir disso, começou a entender melhor seu papel

na concepção e na criação. Nessa nova relação com o ambiente se institui também poder do homem sobre a natureza.

Entretanto, apesar de todas essas transformações terem acarretado em usos e manejos diferentes para as regiões naturais e usos econômicos diferentes nas tribos dos primeiros homens e mulheres, não desconsideramos que esses processos culminaram no apagamento da mulher na história ao longo do tempo. O processo de migração do culto de uma deusa-mãe para um deus-pai reverbera uma grande lacuna na história e um apagamento da história subjetiva das mulheres e de suas relações com seus corpos. No estabelecimentos discursivo, conforme aponta Navarro-Swain (1994, p.45), temos que,

Ao realizar seus recortes na construção do fato e do acontecimento, constituindo assim um saber histórico, o discurso exerce o poder de reafirmação de um sistema de valores e normas, cujos horizontes determinam/constituem e são constituídos por um imaginário que retém e remodela imagens.

Nessa perspectiva, o discurso que conhecemos é o de uma história moldada por homens, uma história que é patriarcal⁴ e é misógina⁵, que apaga as mulheres de suas constituições e de seu agir no mundo.

MENSTRUÇÃO, MULHER CÍCLICA E CICLOS DA NATUREZA

Como foi dito, os saberes e a visão ancestral do mundo, da natureza, da Deusa e da mulher foram sendo sufocados por uma visão patriarcal de mundo, restando uma lacuna na história e o apagamento das mulheres. Porém, há uma movimentação de retomada desses saberes e das vivências femininas. Mas, antes de discutir essa questão, posicionaremos um pouco mais acerca dos ciclos femininos.

As mulheres passam por vários acontecimentos durante sua vida, entre seus principais marcos cíclicos estão a menarca (primeira menstruação), os ciclos

⁴ Patriarcal: diz respeito à hegemonia masculina, uma forma de organização política, econômica, religiosa e social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem e o predomínio e o controle sobre as mulheres.

⁵ Misoginia: ódio ou aversão às mulheres.

menstruais mensais, a vida sexual, a gravidez e a menopausa. Esses são acontecimentos ligados ao útero e a natureza feminina.

De acordo com Almeida (2010, p.45), “[...] nossos ancestrais entendiam que a vida no planeta era formada por ciclos, por estações, por fases, com começo, meio e fim”. E não diferente é a visão propagada pelo filme “O resgate do Sagrado Feminino” (2014)⁶ diante da mulher, considerada cíclica assim como a natureza o é. Dos ciclos citados, abordaremos a menstruação por seu vínculo com a temática discutida no artigo.

As mulheres passam por quatro fases durante o mês: 1) o período menstrual, que é o desprendimento do endométrio; 2) a pós menstruação, inicia-se a fase folicular compreendendo a produção do hormônio folículo estimulante, que se transformará em um óvulo; 3) o período fértil ou fase ovular, na qual o óvulo se desprende e é levado pelas trompas até o útero; e, 4) a fase de pré-menstruação ou lútea, quando o óvulo maduro se chama corpo lúteo e, não sendo fecundado, desintegra-se em alguns dias antes da menstruação. Todos esses períodos acontecem em cerca de 21 a 35 dias, variando de acordo com cada mulher, não há um padrão.

Souza *et al* (2017) fazem uma relação desses períodos com as fases da lua e da terra. Na concepção das autoras, o período menstrual é regido, simbolicamente, pela energia do inverno e da lua nova (fase de introspecção e de dar início ao que for novo), é um momento de recolhimento, de limpeza física e emocional. A pós menstruação é regida pela energia da primavera e da lua crescente (período de bastante movimento e de fazer mudanças necessárias), é período de florescer, de criatividade e disposição. O período fértil é regido pela energia do verão e da lua cheia (que torna as pessoas mais sensíveis e inquietas, fase de transbordamentos e realizações, além de sensações aguçadas), é tempo de extroversão, disposição e vontade de se movimentar. A pré-menstruação é regido pela energia do outono e da lua minguante (fase para autoanálise e momento para se livrar daquilo que não

⁶ Segundo o filme, o Sagrado Feminino é a sabedoria interna que existe em toda mulher pelo simples fato de ser mulher, de se ter um útero e desse órgão estar em contato com a terra e o céu. É a mulher em contato com o próprio ventre. É um símbolo que está sendo resgatado pelas mulheres, uma caminhada que surge da busca da mulher por algo específico do feminino. Ele é movido pela ótica de retomar o poder interno, sobre si mesma e seus ciclos, ou seja, de uma tomada de consciência.

precisamos mais), momento de energia em declínio, preparo para o que é preciso deixar ir, buscar descanso e observar. E, assim, a cada mês, o ciclo se repete, uma fase após a outra. “Assim, percebe-se uma forte ligação entre os ciclos da natureza: o trajeto da órbita da Lua ao redor da Terra, a mutação das estações do ano, a mudança das marés e o ciclo menstrual das mulheres” (SOUZA; ALMEIDA; COELHO; FLÔRES, 2017, p.14).

Essas relações das fases lunares e das estações com os períodos do útero não significam que seja o momento em que cada fase deve acontecer, mas sim representam energias que refletem nosso corpo e mente. Segundo Elinor Gadon (1989, p. 2), citada por Almeida (2010, p.38), “o sangue periódico das mulheres era um evento cósmico, como os ciclos da lua e das marés baixas e altas. Nós esquecemos que as mulheres eram as condutoras do sagrado mistério da vida e da morte”. Essa concepção, portanto, é diferente daquelas que nos são ensinadas hoje.

As mulheres e seus fluidos não são inúteis. A menstruação representa o início do ciclo fértil e, por conseguinte, um marco importantíssimo na vida das mulheres e fundamental para a preservação da espécie humana” (RIBEIRO, 2006, p. 15).

Esse olhar sobre o sangue cultivado ancestralmente foi abandonado e chegou até nós, pessoas da contemporaneidade, como um tabu.

Tem-se na nossa sociedade um controle rígido do corpo feminino e de suas funções básicas: menstruar, gestar, parir, ser. [...] A criação desse imaginário negativo em torno do período menstrual foi e é uma poderosa forma para conter a sabedoria inerente a vida feminina (SOUZA; ALMEIDA; COELHO; FLÔRES, 2017, p.22).

Na atualidade, o conhecimento sobre a menstruação avança de forma tímida, com resquícios de certa negatividade arquetípica a respeito de algo tão natural e próprio do corpo feminino. Praticamente, nada é ensinado sobre tal temática, o que culmina no silêncio e na ignorância da sociedade em relação aos nossos corpos.

Acreditamos que desconstruir a repulsa pelo sangue é um importante passo. Fomos ensinadas a tratar a menstruação como algo vergonhoso e por isso somos incentivadas a usar remédios para não menstruar ou para silenciar mensagens do nosso corpo como dores,

cansaços e cheiros (por exemplo remédios para cólicas, sabonetes íntimos, perfumes para vagina). Não nos ensinam a escutar o que se passa dentro para que possamos nos curar de maneira integral (SOUZA; ALMEIDA; COELHO; FLÔRES, 2017, p.22).

Owen (1994) traça uma breve registro do percurso da menstruação durante a história. Afirma que nas sociedades antigas as mulheres eram veneradas e vistas como férteis, ilustrando também com as estatuetas das deusas da fertilidade. Porém, isso se modificou. Essa mudança, para Owen (1994) e Gray (1999), deu-se pela ascensão do cristianismo e pela afirmação do patriarcado. Com a filosofia e as práticas desses regimes, o sangue menstrual tornou-se vergonha e impuro.

Ainda de acordo com Owen (1994), a Revolução Industrial, no Século XIX, representou também a ruptura com os ciclos da natureza, com as estações do ano e com as fases da lua (que consubstanciavam a marcação de tempo na Idade Média). Esses são deixadas de lado e substituídas por um relógio. Assim, os corpos femininos passam a ser contados e narrados com outros ritmos, dessa vez sem a ligação aos ciclos da natureza, mas, sim, ao relógio que cronometrava os ritmos de trabalho da sociedade industrial. Nessa época com o feminismo e a mulher entrando no mercado de trabalho, a mulher passa de vez a seguir os ritmos do relógio, tendo que trabalhar independente da época do mês.

No século XIX, a visão do útero muda e o *status* da mulher também. É nesse período que surgem as medicalizações (como alguns anticoncepcionais) e os vários “tampões” (absorventes), que foram ganhos por um lado, mas, por outra via, impeliram o status de “supermulher” àquela que fazia uso de todos esses instrumentos para esconder sua menstruação, num método que Owen (1994) chama de “tecnologia da desconsideração”.

Segundo Martín (2011), nossas vidas atuais giram em torno de medicamentos, de uma sociedade disposta a jantar um coquetel de antibióticos, sendo paciente de uma indústria médica e farmacêutica duvidosa. Também afirma que a sociedade sempre diz que a dor faz parte do ser mulher, o que nos torna impulsiona a consumir analgésicos, tratamentos hormonais e sedativos. A autora questiona:

Até que ponto odiamos a menstruação?

Surpreende-me o peso midiático-sexista que reina no ato de menstruar. Campanhas publicitárias e médicas garantem o ato de se sentir horrível e estranha, vendendo com isso uma imagem limpa e pura para “esses dias” (nem se quer a nomeiam). O mercado está cheio de lindas imagens com produtos químicos que nos arrastam e escondem nossa menstruação, pelo que nos vemos obrigadas a esconder qualquer evidência de sangue, a ser discretas ao falar disso, a nos queixarmos [...] (MARTÍN, 2011 p. 32, *tradução nossa*).

Segundo Owen (1994), essa situação só começa a mudar com os movimentos de espiritualidade feminina, nos quais o sangue deixa de ser ignorado e começa, novamente, a se tornar, simbolicamente, significativo. Como exemplo desses movimentos, apontamos os saberes do Sagrado Feminino e o movimento *Plante sua Lua*, nos quais mulheres devolvem seu sangue a terra, como uma ritualização desse momento e agradecimento à natureza. É a visão de um sangue cheio de vida e não um dejetos. É um ciclo de gratidão, a terra nos gesta, nós sangramos e devolvemos a vida a terra.

Em *O resgate do feminino sagrado* (2014) apresentam-se algumas mulheres, como Juliaro (artista e *Moon Mother*), Malu Russo Damasceno (criadora do método MOVARE), Mani Alvarez (pesquisadora da alma feminina) todas consideradas nessa perspectiva de resgate. Para elas, o feminismo, com a mulher em busca de igualdade por direito, tomou o homem como modelo de luta, pois, o homem na configuração social tem o poder, a escolha, o trabalho. As mulheres, para alcançar as mesmas condições, igualaram-se ao homem e, nesse momento de igualdade de um modelo masculino (e não só na igualdade de direitos), é que o sagrado se perdeu. Essa é uma leitura mais simbólica e não tão ligada às diversas correntes do movimento feminista que congregam lutas de classes, questões raciais, recorrências às políticas públicas de direitos humanos e sociais. No escopo desse trabalho, não tencionamos abdicar da importância das pautas feministas, mas, ao nível de uma religiosidade e da complexidade de leituras possíveis sobre o corpo, recuperar a questão do sagrado pela interpretação da arte de Juliaro.

Podemos assim dizer que, na contemporaneidade, estudiosas e artistas mulheres passaram a resgatar essa dimensão de seus próprios ciclos em sintonia com as estações, as fases da lua, com a terra e com a natureza. A mulher busca

uma caminhada arquetípica ligada a criação, ao respeito à terra e à relação com seu ventre. Além do respeito consigo e com outras, um cuidado de si.

JULIARO E A ARTE MENSTRUAL

Para Estés, “[...] existem certos assuntos místicos que as palavras concretas isoladas não conseguem expressar, mas que as ciências, as contemplações do que é invisível, porém palpável, as artes conseguem” (2007, p.30-31).

Sob essa orientação, podemos apresentar Julia Larotonda, conhecida como Juliaro, uma argentina de Buenos Aires que, atualmente, vive no Brasil, em São Paulo. Ela é artista plástica, designer e cineasta pela Universidade de Buenos Aires. Em São Paulo, trabalha como ilustradora, pintora, escritora e designer freelancer; também realiza workshops de autoconhecimento feminino e círculo de mulheres, é membro da Coordenação da Benção do Útero Brasil (Despertar das energias femininas) de Miranda Gray e *Moon Mother* avançada.

Em redes sociais ela se apresenta como uma artista que trilha os caminhos do sagrado feminino revelando nas artes as mensagens da Deusa.

As obras de Juliaro têm ênfase no Sagrado Feminino, nas mulheres míticas, nas Deusas, na Mãe Terra e em todos os elementos da natureza. Como artista plástica ela realiza trabalhos com ilustração, desenho, aquarela, acrílico, entre outros. E dentre esses trabalhos, a linguagem artística que escolhemos como objeto de pesquisa é o que ela chama de “arte menstrual”. As pinturas menstruais são pinturas figurativas que ela cria usando seu próprio sangue menstrual como tinta.

A arte, mais especificamente a pintura menstrual, foi a forma que a artista encontrou de vivenciar seus ciclos. Suas pinturas tiveram início em 2012 após a leitura de um livro de Miranda Gray, que aborda a sintonia com os ciclos femininos, e, recentemente, decidiu expor suas pinturas e realizar oficinas para ensinar a técnica de pintura menstrual com o intuito de repassar os saberes femininos. A artista recolhe seu sangue com coletor menstrual e o usa como aquarela. O único material usado além do sangue é a água para fazer outros tons de vermelho.

No momento quase introspectivo da pintura, do auto se conhecer, ser consciente de seu ciclo, conhecer seu sangue em suas cores, texturas e odores,

passar por um momento consigo, prestando atenção em seu corpo, em suas emoções e cuidando de si, que surgem figuras também relacionadas a esse ciclo e ao universo feminino.

Juliario nos posiciona, por meio de uma entrevista para o site *Entremujeres* (2016), que quando se pinta com o sangue menstrual você se abre para muitas coisas. Primeiro, retira-se muitos temores, como o medo do sangue que vem desde a adolescência e a perda do nojo, além de perceber os tabus ao redor dos odores. Tem-se, também, um contato com a vagina pela experiência de uso do coletor menstrual bem diferente da recorrência à absorventes. Enfim, diz que se trata de um grande encontro com o próprio corpo e também com sua sexualidade de alguma forma.



Figura 1: Meu sangue não mancha

Fonte: Juliario Arte

Trata-se da celebração do corpo feminino, da tomada de consciência, da ressignificação de seus ciclos pela ótica de si mesma.

O corpo da mulher, tanto na antiguidade quanto nos dias atuais, ainda mantém o significado real de recipiente de vida, líquidos, sangue, dores, sentimentos e sensações. Seres femininos que na sua essência são mutáveis, moldáveis, impermeáveis, elásticos, sustentáveis, portadores e cíclicos – o ciclo menstrual, o ciclo lunar, o ciclo gestacional, o ciclo cerâmico. A força da Mãe Terra, a Pachamama, invocada nas silhuetas, nas formas femininas, nas curvas, no ventre fertilizador (ALMEIDA, 2010, p. 127).



Figura 2: Deusa Menstrual

Fonte: Juliano Arte

Sua atitude de artista e de mulher mostra que os saberes femininos não se perderam pela história, que nós sabemos resistir e recuperar o que é nosso, que na verdade, nunca perdemos esse poder, esse saber, esse respeito e cuidado, mas apenas que havia deixado de ser reconhecido, mas que temos retomado. Isso é:

[...] prova de que uma mulher é como uma árvore gigantesca que, por sua capacidade de se mover em vez de permanecer imóvel, pode sobreviver às piores tempestades e perigos; e ainda estar de pé depois; ainda descobrir seu jeito de voltar a balançar, ainda continuar a dança (ESTÉS, 2007, p.76).

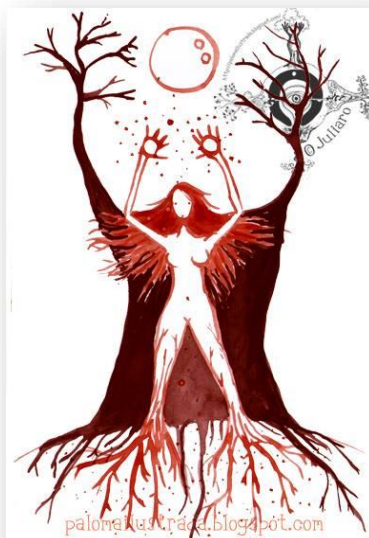


Figura 3: *Moon Mother*

Fonte: Juliaro Arte

Juliaro, em “O resgate do feminino sagrado” (2014), diz que a importância está na consciência, em estar consciente de você e seus ciclos, em perceber a energia que está em você, no céu e na terra e em como você lida com isso. Afirma que tudo o que se diz respeito à consciência ajuda o ser a evoluir, e com o trabalho dela ela que levar esse conhecimento até as pessoas.

Arte e feminismo

“A arte desfaz e faz objetos, cria outros espaços. E seu papel é transitório no tempo e no espaço, modernamente, ao menos, ela emerge como um ato de liberdade, de transformação, de criação de vida” (LAURENTIIS, 2013, p. 33-34). A arte que vemos aqui se trata de um espaço de criação e ressignificação de vida e tudo isso que temos visto pode e é, aqui, vista pelo viés feminista. A arte que Juliaro faz não é meramente feminina, mas, também, uma arte feminista.

Uma arte feminista diz respeito ao transgredir, questionar os valores já dados como prontos, fazer refletir, provocar abalos nas ideias cristalizadas. E é o que vemos no trabalho de Juliaro. Ao propor uma nova forma de ver o sangue menstrual ela abala o tabu já dado do sangue sujo, ignorado e silenciado. Ela ressignifica seu

sangue, seus ciclos, seu corpo feminino. Desconstrói os muros impostos entre si e seu próprio corpo, e permite se autoconhecer, se ritualizar, se vivenciar enquanto mulher.

De acordo com Stubs (2015), muitas artistas incorporam questões de uma arte feminista em suas práticas mesmo não se autodenominando feministas. Ainda segundo a autora, isso se dá até mesmo por uma questão histórica que levou a uma corrente feminista não bem demarcada no Brasil e em países da América Latina como foi em outros lugares, por exemplo, a produção norte-americana. Isso ocorreu pelas interferências das ditaduras militares que não permitiram o desdobramento dos feminismos nesses lugares.

As discussões sobre arte e feminismo, então, surgiram mais tardiamente e se tem tido pesquisas sobre o tema recentemente, mas, segundo Stubs (2015, p. 168), “considerando todos os aspectos apontados, podemos afirmar que a relação entre arte e feminismo no Brasil é menos identitária, mas não menos feminista por isso”.

Dessa forma, é válido que se faça uma pesquisa pelo viés feminista, mesmo que não haja uma autodenominação e uma marcação identitária, a arte menstrual de Juliaro refere a questões feministas, de luta e resistência e o que diz respeito a uma nova forma de viver e agir no mundo.

A arte menstrual é própria da mulher, aquelas que querem se conectar com seu ciclo e resignificar si mesma. E essa arte pode ser usada tanto para denunciar, quanto por questões pessoais e independem de nacionalidade e classe social.

Não se trata de uma mera produção, mas um fruto de reflexão, de uma vivência de si mesma. “Elas (artistas) fazem de sua experiência como mulher motor para a criação, recorrendo às figuras nas quais fundam a identidade feminina e, conseqüentemente, as suas próprias” (LAURENTIIS, 2013, p. 33).

Não se trata de qualquer sangue, mas de sangue menstrual, esse, específico da mulher. É sobre uma mulher afirmando seu eu pela arte. A partir de uma experiência pessoal, o momento introspectivo da artista, seu processo de criação, Juliaro produz as figurações femininas por essa ótica mesmo das temáticas femininas, expandindo e extrapolando o âmbito meramente pessoal ao também adentrar em um âmbito social, uma vez que se toma consciência do silenciamento que a mulher passa e busca-se então a tomada de consciência e a transgressão.

Laurentiis (2013, p. 30) argumenta que:

As artistas aproveitam-se, portanto, de uma história feminista em suas obras, que vibram para a desconstrução das imagens estabelecidas do feminino. Ao transfigurarem seus corpos recorrendo a Grande Deusa, imaginam outras formas de si mesmas, que têm um efeito crítico às concepções históricas de um feminino fragilizado e pacificado dentro do lar, ou confinado em espaços disciplinarmente destinados a elas. Elas saem às ruas fazendo arte e transformando suas próprias vidas e seus corpos em um embate público contra as configurações de suas identidades, contrapondo-se às imagens tradicionais do feminino.

A mesma autora diz que as “[...] figuras de guerreiras, pintoras, professoras, são incorporadas ao repertório imagético e, ao serem reelaboradas, produzem críticas aos discursos falocêntricos e patriarcais” (2013, p.28). Não é diferente com a retomada da figura da bruxa, da deusa e da presença da mulher em sintonia com a natureza, todas apresentam essa reelaboração da figuração da mulher pela ótica feminina, desenraizada da ótica masculina e do discurso patriarcal.

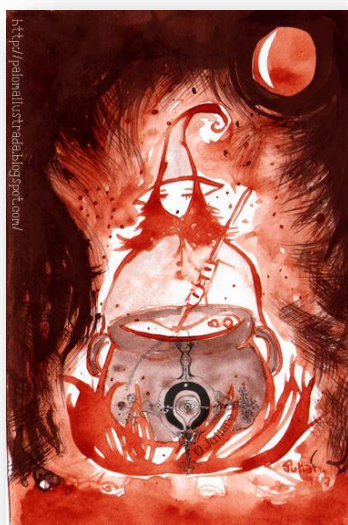


Figura 4: Bruxa
Fonte: Juliaro Arte

Não se trata mais da figura da mulher moldada pelo patriarcado e pela ótica masculina, mas uma arte que traz a figura da mulher remodelada pela ótica feminina, por uma artista que produz suas obras no seu ato mesmo do ser mulher.

Para Tvardovskas (2013, p. 175), as práticas artísticas contemporâneas de mulheres se apresentam como um espaço de resistência e de reinvenção ética e subjetiva e “[...] propõem novas possibilidades de constituição de si, na medida em que deslocam sentidos estabelecidos com os corpos, os desejos e com a própria criatividade”. É nas práticas do cotidiano e nas vivências de si que a artista cria resistência e ressignificações de si.

O termo ativismo diz respeito a uma produção de conhecimento e reivindicação por meio da arte. Podemos afirmar que no trabalho de Juliario, usar seu próprio sangue para reivindicar a si, é usar a arte como instrumento ativista. Partindo de transformações de si, Juliario busca uma resistência coletiva, escapa de formas de vida regulamentadas e controladas, assume seu corpo e faz dele território de poder, experiência e resistência e convida outras mulheres a fazer o mesmo.

O fato de uma mulher em processo permanente de tornar-se mais sábia estar constantemente se reenraizando na vida da alma é um extremo ato de liberação. Ensinar as jovens a fazer o mesmo — "jovens" significando qualquer uma com menos conhecimento, menos experiência do que ela própria — o extremo ato radical e revolucionário. Esses ensinamentos se estendem muito adiante, dando a verdadeira vida, em vez de permitir o rompimento da linha matrilinear viva da mulher sábia e indomável, da alma sábia e indomável (ESTÉS, 2007, p.43).

Dessa forma, na e pela arte, Juliario não só transforma-se a si, mas é afetada e afeta outras mulheres, pois não estamos sozinhas e a transformação é conjunta.

Considerações finais

Neste artigo, para apresentar Juliario e sua arte com sangue menstrual, recuperamos estudos de lacunas sobre a mulher na história para traçarmos os contextos de apagamento das mulheres até os dias atuais no século XXI. Percursos que se transformaram, ou melhor, que foram remodelados por discursos masculinos, que mudaram a trajetória diante da forma que nós mulheres nos vemos, nos portamos e agimos no mundo. Trazemos assim esse contexto para entender como se deu essa trajetória e também mostrar que nada é consolidado e que não

silenciamos diante disso, mas refletimos, questionamos e fazemos mudar aquilo diz respeito a forma de viver, de lidar com os corpos de ser parte da história e agir nela.

A forma de transformação e ressignificação vista aqui foi a arte, arte como espaço de criação de vida, arte como instrumento de reivindicação de vida. Juliario, com seu sangue menstrual, faz dessa arte um ativismo. Trata dos assuntos do feminino e expõe tal como a arte feminista faz, resistindo, questionando e convidando outras a fazerem o mesmo, a repassar os conhecimentos e a afirmação de si, de seu corpo, de ser mulher.

[...] Pois somos como recipientes, na medida em que nós, as mulheres, somos todas recipientes de outros seres, carregamos dentro de nós a dor e o amor de sermos biologicamente feitas para dar vida – recipiente gera_dor, cria_dor, acumula_dor, revela_dor, fertiliza_dor, germina_dor [...] (ALMEIDA, 2010, p.129).

Que geremos força, criemos resistência, acumulemos histórias, revelemos luta, fertilizemos o solo para as outras que virão e germinemos um mundo melhor para as mulheres.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávia Leme de. **Mulheres recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ENTREMUJERES. Disponível em: https://www.clarin.com/entremujeres/genero/juliario-artista-plastica-sangre-menstrual_0_r1RWkGq-g.html>. Acesso em: 28 jan. 2018.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B9PMZ1w3n1qJdm1UTFINQU9nQ1k/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

GRAY, Miranda. **Luna roja**. Móstoles: Gaia Ediciones, 1999.

JULIARO-ARTE. Disponível em: <<http://www.juliaro.com/>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

LAURENTIIS, Gabriela de. Fazer e desfazer formas: as imagens do feminino na arte de Louise Bourgeois. In: RAGO, Margareth; MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo (orgs.). **Paisagens e tramas**: o gênero entre a história e a arte. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 24-36.

MARTÍN, Pabla Perez San. **Manual introductorio a la ginecología natural**. Espanha: La picadora de papel, 2011.

NAVARRO-SWAIN, T. De deusa à bruxa: uma história de silêncio. **Humanidades**, Brasília, v. 9, n.1, p. 45-58, 1994. Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/deusa.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

O RESGATE do feminino sagrado. Direção de Anita Gomes. Paiol filmes, 2014. Youtube, (23 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XdEK0co_Gaw>. Acesso em: 31 jan. 2018.

OWEN, Lara. **Seu sangue é ouro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

RIBEIRO, S. R. S. Saberes sobre menstruação em discussão. **Aleph** (UFF. Online), v. 2, p. 1-18, 2006. Disponível em: <http://www.uff.br/aleph/textos_em_pdf/saberes_sobre_menstruacao.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SOUZA, Laís; ALMEIDA, Jaqueline de; COELHO, Máira; FLORÊS, Luma. **Manual de ginecologia natural e autônoma**. 2017. Disponível em <https://drive.google.com/drive/folders/1QUWF5GJwoVwpSe0MA0kenG_eXt9-WX0s>. Acesso em 17 jan. 2018.

STUBS, Roberta Parpinelli. **A/r/tografia de um corpo-experiência**: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. Orientador: Fernando Silva Teixeira Filho. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Assis. 2015. 277p.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Fabulações de si na arte contemporânea: Ana Miguel, Rosana Paulino e Cristina Salgado. In: RAGO, Margareth; MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo (Orgs). **Paisagens e tramas**: o gênero entre a história e a arte. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 175-193.